

A importância das *Reflexões sobre o otimismo* para o desenvolvimento intelectual kantiano. Tradução e texto introdutório

[The significance of *Reflections on optimism* for Kant's intellectual development. Translation and introductory remarks]

Bruno Cunha*

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG, Brasil)
Johannes Gutenberg Universität (Mainz, Alemanha)

Comentário sobre a tradução

A seleção das notas, intituladas *Reflexionen zu Metaphysik*, que Adickes compilou, nos volumes 17 e 18 de *Kants Gesammelte Schriften*, entre 1926 e 1928, permitiram à *Kantsforschung* dar um grande passo em relação à reconstrução e à interpretação da gênese do pensamento kantiano em geral. Particularmente, queremos aqui dar uma atenção especial aos fragmentos que, no legado manuscrito [*handschriftlicher Nachlass*], são conhecidos como *Reflexões* 3703-3704-3705. Estas três reflexões sobre o *Otimismo*, como são intituladas, foram compostas em 1753 ou 1754, indubitavelmente, por ocasião do anúncio – publicado pela Academia Prussiana Real de Ciências, em julho de 1753, no *Hamburger freyen Urtheilen und Nachrichten* – da pergunta tema de seu concurso para 1755. Os participantes deveriam escrever sobre o sistema do Sr. Pope apresentado em seu *Ensaio sobre o homem*¹ e expresso na afirmação de que “Tudo é bom”². A discussão deveria ser complementada com uma comparação em relação ao sistema de *Otimismo* de Leibniz, baseado “na escola do melhor”. As *Reflexões* evidenciam as genuínas intenções de Kant em participar do

* Email: brunohells@hotmail.com

¹ O poema filosófico de Alexander Pope, *Um ensaio sobre o homem* [*An essay on man*], publicado entre 1733 e 1734, representou uma tentativa de elaborar um sistema de ética escrito em forma poética. O poema deseja justificar o caminho de Deus para os homens através de um debate sobre a possibilidade de se reconciliar o mal do mundo com a concepção de um Deus, criador, justo e misericordioso.

² Kant utilizou tradução de Brockes de 1740 que traz os seguintes versos ilustrando sua temática geral: “Trotz unserm Geist, der öfters irrt, trotz unserm Stolz und Übermuth. So ist die Wahrheit offenbar, das alles das, was ist, ist gut”. “Apesar de nosso espírito, que erra frequentemente; apesar de nosso orgulho e arrogância. A verdade é óbvia, tudo que existe é bom”.

curso, que teria, entre seus participantes, nomes como Mendelssohn, Lessing e Reinhard. No entanto, na ocasião do mesmo, em 1755, o jovem pensador de Königsberg provavelmente estava ocupado demais com suas obrigações acadêmicas³ e, por isso, não conduziu o trabalho à submissão. Os manuscritos não publicados, mesmo assim, conservam sua importância filosófica por apresentarem, através da crítica à justificação leibneiziana para o problema do mal no ensaio de *teodicéia*, as primeiras análises de Kant em torno das questões da teologia racional, antecipando⁴, de alguma forma, o argumento principal que seria, de fato, apresentado em 1763, em o *Único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*. Ademais, segundo alguns intérpretes, as contribuições dos fragmentos se estendem para além do campo da teologia racional, proporcionando uma contribuição inicial maciça para o desenvolvimento da filosofia moral kantiana.

Em síntese, a *Reflexão 3703* apresenta algumas meditações acerca de um argumento presente na epístola IV do *Ensaio sobre o homem*, intitulada “Da natureza e estado do homem, com respeito à felicidade”. Na *Reflexão 3704*, Kant traz esquadrihado o esboço das linhas gerais do *Otimismo* e sua comparação em relação ao sistema de Pope, evidenciando claramente a preferência do último. Enfim, a *Reflexão 3705* destaca os defeitos do *Otimismo*, mostrando-nos mais especificamente os motivos pelos quais a crítica kantiana se endereça à doutrina de Leibniz.

De um modo geral, o ponto nevrálgico das *Reflexões* ancora-se na observação kantiana de que o sistema do *Otimismo* admite o mal no mundo não como um aspecto decorrente da aprovação divina, mas de uma necessidade eterna que envolve as coisas finitas. Na escolha do melhor dos mundos, Deus se vê diante das *possibilidades* pré-dispostas da natureza, de acordo com as quais ele delibera sem, contudo, alcançar a satisfação plena da escolha de um mundo totalmente sem irregularidades. De acordo com Kant, torna-se notável, a partir disso, um conflito insondável entre o arbítrio divino e as *possibilidades* eternas, que parecem submeter Deus a um tipo de fatalidade. Quando Leibniz admite o mal como algo à parte da aprovação de Deus, como uma exceção ou um defeito necessário no mundo, ele estabelece as regras da perfeição como divergentes umas em relação às outras. Disso decorre a impossibilidade de se aceitar o argumento físico-teleológico, que deseja assumir, através da contemplação da harmonia

³ Segundo Schönfeld (2000, p. 198), supostamente o motivo da desistência encontra-se no fato de que, em 1755, quando a competição aconteceria, Kant estava ocupado com sua tese “Magister” e dissertação doutoral.

⁴ Este é um ponto controverso dentro da literatura. Uma discussão especial a este respeito foi realizada por Heinrich (1960), Schmucker (1963); Reuscher (1977) e Schönfeld (2000).

universal dos arranjos do mundo, a existência de um *Criador*, de um *Designer inteligente* do qual todas as coisas dependem. Em contrapartida, a posição de Pope conquista a preferência de Kant, porque, segundo o jovem pensador, ela é capaz de estabelecer um melhor caminho para a justificação da referida prova ao submeter toda *possibilidade* ao domínio de um ser originário oni-suficiente. No caminho indicado por Pope, as propriedades das coisas, incluindo as essencialmente necessárias, devem se harmonizar em conjunto com o intuito de expressar completamente a natureza perfeita de Deus, cuja existência deve determinar tanto a *possibilidade* quanto tudo que é real.

As consequências das *Reflexões* são claramente notáveis no contexto pré-crítico de 1750, em que a problemática teológica aparece como *background*⁵ de uma tentativa de estabelecer as fundações metafísicas de uma filosofia da natureza. O argumento teológico das *possibilidades* pode ser verificado na *História natural universal e teoria dos céus*,⁶ onde a harmonia e a regularidade do cosmos são estabelecidas, no mesmo viés das *Reflexões*, como o ponto de partida para as provas da existência de Deus. O mesmo argumento pode ser observado, de um modo mais elaborado, na proposição VII da *Nova elucidação sobre os princípios do conhecimento metafísico*,⁷ onde ele é estabelecido, em contrapartida ao argumento cartesiano, como uma demonstração “do ponto de vista da essência” fundada em uma evidência absolutamente primeira, a saber, a *possibilidade* mesma das coisas. Este argumento⁸, após ser submetido a uma “longa

⁵ Alguns autores dentro da literatura secundária têm pontuado que motivos teológicos constituem o pano de fundo dos tratados metafísicos de Kant dos anos de 1750. Ver Palmquist (2000, p. 9-13), Pannenberg (2008, p. 168), Schönfeld (2000, p. 190).

⁶ Dentro do problema cosmogônico posto pela *História natural universal e teoria dos céus* de 1755, a harmonia e a regularidade dos entes e das leis da natureza, originadas a partir de um mecanismo isolado, é assumida como o advento através do qual se alcança a mais bela prova da existência de Deus. Ora, pois, segundo Kant, é possível verificar através do desdobramento natural do cosmos que as propriedades essenciais das coisas “não podem ter qualquer necessidade independente, mas que devem ter sua origem em um único entendimento [...]”. É possível concluir, a partir disso, que “[...] há um ser dos seres, um entendimento infinito e sabedoria independente, a partir do qual a natureza deriva a sua origem, inclusive sua possibilidade no conjunto completo das determinações (*Allgemeine Naturgeschichte*, 1910, AA 01: 333-334).

⁷ O argumento de Kant, aqui, afirma que o conceito de *possibilidade*, que existe pela não contradição de certas noções reunidas, é resultado de uma comparação. Onde não há coisas para a comparação não existe *possibilidade* e nada existe de real em todo conceito possível a menos que possa existir algo absolutamente necessário. Disso conclui-se que “Existe, por conseguinte, um Deus que é único, o princípio absolutamente necessário de toda a possibilidade”. Negar a existência de Deus é “abolir não somente a completa existência de todas as coisas, mas ainda sua própria possibilidade interna” (*Nova Dilucidatio*, 1910, vol. I, p. 395-396).

⁸ Parte da literatura secundária, dentro da qual se inserem as interpretações de Schmucker (1963), Heinrich (1960) e Reuscher (1977), acredita que as provas da década de 1750 não podem ser consideradas uma antecipação do argumento completo de 1763. Em contrapartida, é perceptível, como salienta Schönfeld (2000, p. 199), que tanto o esboço da proposição VII da *Nova Elucidação* quanto o

reflexão⁹, enfim, alcançará a sua maturidade conceitual sendo apresentado definitivamente na aparência integral de uma prova ontológica no ano de 1763, em o *Único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*.¹⁰

Além das questões da teologia racional, a literatura secundária tem pontuado¹¹ que os problemas das *Reflexões* se estendem também para dentro da gênese das concepções éticas kantianas, tornando urgente, diante dos pressupostos da *Filosofia prática universal* de Wolff, a necessidade de uma revisão em torno de seu conceito fundamental, a saber, o conceito de *perfeição*, revisão esta que incidirá, diretamente, no próprio modo kantiano de caracterização da *vontade*.¹² Na década de 1750, é notável, como suposta consequência dessas *Reflexões*, algumas evidências textuais que destacam o posicionamento crítico de Kant frente à *vontade* intelectualizada de Wolff,¹³

argumento completo de 1763 partem de pressupostos comuns, a saber, começam com a análise da *possibilidade*, passam pela existência das coisas, para, enfim, terminar com a conclusão da existência de Deus como um ser necessário. Ademais, para Schönfeld (*idem*), a proposição VII já traz esboçada em seu argumento elaborado “a partir da essência” (*Nova Dilucidatio*, p. 395), a distinção fundamental da “prova ontológica” de 1763 (*Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes*, AA 02: 66), cuja ausência foi reclamada pelos comentadores, a saber, a rejeição da existência como um predicado.

⁹ *Beweisgrund*, 1910, vol. II, p. 66.

¹⁰ As implicações da rejeição kantiana da existência como um predicado mostram, ao ver de Kant, que a prova ontológica cartesiana está envolvida em uma grave “confusão conceitual”. Diante do problema, Kant sugere um diferente caminho para elaborar um argumento *a priori* da existência de Deus, no qual se deve começar com a existência contingente das coisas, considerando, a partir disso, a *possibilidade* interna dos objetos em geral, para então chegar à existência necessária de Deus (Schönfeld, 2000, p. 201) Nesse caminho, a análise da possibilidade alcança a existência de uma entidade necessária que revela a partir de si qualidades como unidade, imutabilidade, eternidade, realidade, ordem, beleza, *perfeição*, espírito, razão e *vontade*, que indicam que esta entidade só pode ser Deus. Para ver o argumento completo consultar Kant, *Beweisgrund*, 1910, AA 02: 77-79).

¹¹ Este ponto será particularmente discutido por Heinrich (1963, p. 408-414) e, posteriormente, por Schneewind (2001, p. 536-540).

¹² Segundo Heinrich (1963), nas *Reflexões*, o conflito entre o arbítrio divino e a necessidade metafísica da natureza nasce quando é assumido que o princípio da escolha do *melhor* na vontade de Deus é derivado de uma representação *possível* da ordem do mundo. Em contrapartida, a resposta de Kant deixa indicado que o arbítrio divino é um fundamento que se dirige ao bem sem estar restrito a *possibilidades* ou a qualquer fundamento oriundo da ordem das representações. Para Schneewind (2001), dessa questão decorre a reivindicação de que o conceito do bem ou da *perfeição* moral precisa se desvincular da ordem representacional das coisas, como em Wolff, para se relacionar, portanto, com a capacidade da vontade de produzir seu próprio objeto. Em 1763, depois de ter despendido “um longo tempo investigando cuidadosamente o conceito de perfeição, de forma geral e em particular”, Kant apresenta a conclusão de que este conceito “sempre pressupõe a relação de um ser dotado de conhecimento e desejo” (*Beweisgrund*, 1910, AA 02: 90).

¹³ Ver as reflexões 1570 e 1753. Além delas, segundo Heinrich (1963, p. 412), o tratamento kantiano da liberdade em *Nova Elucidação*, embora não promova um rompimento com Wolff, vai estabelecer uma teoria da vontade independente da psicologia universal e sem seu característico tom intelectualista. Wolff considera o prazer (*lubitus*) como consequência da percepção da perfeição, Kant, de outro modo, vai considerar o “*lubitus*” como idêntico à vontade (*voluptas*), interpretando o fenômeno volitivo a partir da atração (*allectamentum*) da vontade em relação ao objeto. Ver (*Nova Dilucidatio*,

que será importante por promover a abertura do caminho da independência de Kant no âmbito da ética, conduzindo-o, durante a década de 1760, à descoberta da concepção de *autonomia da vontade* e à formulação inicial do *imperativo categórico*.¹⁴

Enumeradas, de modo sintético, algumas razões que legitimam a importância das *Reflexões sobre o otimismo* para a interpretação do pensamento kantiano e, portanto, justificam o propósito dessa tradução para a *Studia Kantiana*, é preciso explicitar alguns critérios que foram adotados nesse processo. A tradução parte diretamente do fragmento contido em *Reflexionen zur Metaphysik*, vol. XVII, p. 229-239, de *Kants Gesammelte Schriften*, intitulado *Optimismus*, que, por sua vez, está dividido em *Lose Blätter E 69, D 32 e D 33 ou Reflexionen 3703, 3704, 3705*. O objetivo de manter a tradução o mais próximo do original possível bem como o de realizar as adaptações necessárias para que o significado geral do texto – de seus termos e toda sua problemática – se mantivesse fiel às intenções do autor, fez com que empreendêssemos um processo comparativo em relação à tradução realizada em 1992 por David Walford para a *Theoretical philosophy 1755-1770*, um dos volumes da *Cambridge edition of the works of Immanuel Kant*. Vale mencionar que existe uma tradução anterior feita por François Marty e publicada em 1980 sob o título de *Premières réflexions sur l'optimisme* (In: Alquié, 1980, vol. I, p. 25-34), que, no entanto, não foi utilizada como referência para a presente tradução. Optamos, como nas edições de *Cambridge*, por não traduzir as palavras *tachadas* do texto original, retirando-as do corpo do texto, uma vez que elas não influem, de uma forma direta, no desenvolvimento argumentativo do autor. Foram omitidas, também, as notas explicativas e corretivas do organizador. Como o manuscrito é fragmentário, as súbitas paradas textuais são indicadas por aspas dentro de colchetes. Para fins comparativos, disponibilizamos os textos originais logo abaixo de cada reflexão traduzida, conservando a disposição das linhas na forma como estão apresentadas na edição da *Academia*. Levando em consideração toda complexidade que envolve a tradução de um texto filosófico, gostaríamos, de antemão, de deixá-lo aberto, em todos os seus aspectos, para sugestões ou críticas por parte dos especialistas.

1919, AA 01: 401). A hipótese recente de Shell (2009, p. 22-23) também é desenvolvida em uma direção semelhante.

¹⁴ Neste ponto é especialmente importante os trabalhos de Henrich (1963) e Schmucker (1961).

Referências

- CUNHA, Bruno L. *Sobre a questão do espírito: sonhos de um visionário e suas contribuições para a ética crítica de Kant*. Dissertação, UFJF. Juiz de Fora, 2011.
- HENRICH, Dieter. “Hutcheson und Kant”, *Kant-Studien*, 49 (1957): 49-69.
- HENRICH, Dieter. *Der ontologische Gottesbeweis. Sein Problem und seine Geschichte in der Neuzeit*. Tübingen: Mohr, 1960.
- HENRICH, Dieter. “Über Kants früheste Ethik”, *Kant-Studien*, 54 (1963): 404-431.
- KANT, Immanuel. *Gesammelte Schriften*. Ed. Akademie der Wissenschaften. Berlin: Reimer/Walter de Gruyter, 1910.
- KANT, Immanuel. *Theoretical philosophy, 1755–1770*. (The Cambridge edition of the works of Immanuel Kant). Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- PALMQUIST, Stephen. *Kant’s critical religion*. Aldershot, UK: Ashgate, 2000.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- REUSCHER, John A. “A clarification and critique of Kant’s *Principiorum primorum cognitionis metaphysicae nova dilucidatio*”, *Kant-Studien*, 68 (1977): 18-32.
- SCHNEEWIND, Jeromé. *A invenção da autonomia: uma história da filosofia moral moderna*. São Leopoldo: Usisinos, 2001.
- SCHMUCKER, Josef. *Die Ursprünge der Ethik Kants in seinen vorkritischen Schriften und Reflektionen*. Meisenheim: A. Hain, 1961.
- SCHMUCKER, Josef. “Die Gottesbeweise beim vorkritischen Kant”, *Kant-Studien*, 54 (1963): 445-463.
- SCHMUCKER, Josef. “Die Ontotheologie des vorkritischen Kant”, *Kant-Studien*, Ergänzungsheft 112 (1980) .
- SCHÖNFELD, Martin. *The philosophy of the young Kant: the pre-critical project*. New York: Oxford University Press, 2000.
- SHELL, Susan Meld. *Kant and the limits of autonomy*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2009.

Resumo: As *Reflexões sobre o otimismo* são as mais antigas reflexões kantianas sobre metafísica que aparecem no legado manuscrito [*handschriftlicher Nachlass*], remetendo-se ao fecho de 1753 ou 1754. Para justificar a importância de sua tradução, eu argumento que as consequências oriundas do problema da teodicéia, que cerceiam sua problemática, apresentam-se como alguns dos aspectos fundamentais do desenvolvimento intelectual kantiano no que concerne aos

âmbitos da teologia racional e da ética. Por um lado, argumento que a crítica à teodicéia de Leibniz abre espaço para as primeiras reflexões kantianas em torno da teologia racional, proporcionando as bases para o fundamento da prova apresentada em o *Único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*. Por outro, eu deixo indicado que as reflexões são, do mesmo modo, o ponto de partida para profundas investigações em torno do conceito de perfeição, investigações essas que vão incidir diretamente no próprio modo kantiano de caracterização da vontade.

Palavras-chave: teodicéia, teologia racional, ética, desenvolvimento intelectual

Abstract: The *Reflections on optimism* are the oldest Kant's reflections on metaphysics that appear in the manuscript legacy [*handschriftlicher Nachlass*], being probably composed in 1753 or 1754. To justify the importance of translation, I argue that the consequences resulting from the problem of theodicy appear as some of fundamental aspects of Kant's intellectual development concerning to the rational theology and ethics. On the one hand, I argue that the criticism to the theodicy of Leibniz makes room for the first Kantian reflections on rational theology, providing the basis for the argument presented in *The only possible argument for a demonstration of the existence of God*. On the other hand, I leave indicated that the reflections are, likewise, the starting point for deeper investigations into the concept of perfection, bringing direct consequences to own Kantian mode of characterization of the will.

Keywords: theodicy, rational theology, ethics, intellectual development

Tradução

Sobre o Otimismo

[17: 229]

3703

Tu perguntaste: quem é mais feliz no mundo, o virtuoso ou o vicioso [*Lasterhafte*]? Quando se examina a questão, conclui-se, então, que há sempre algo mesclado com as vantagens dos perversos que o virtuoso não deseja e em virtude do qual ele não gostaria de trocar seu estado com o de outros; portanto, o virtuoso é, de fato, mais satisfeito consigo do que se supõe. Os males que afetam os virtuosos não afetam propriamente a virtude, mas são comuns a todos. Ora, se as leis universais deviam limitar-se à relação entre piedosos e ímpios, então, diga-me: quem são, afinal, os piedosos? Ninguém vai considerar esta pessoa merecedora de punição, levando-se em conta que, antes disso, outra pessoa atribui a culpa a alguém diferente? Seria, então, a justiça de Deus reconhecida por todos? [17: 230] O pão não é a recompensa da virtude, mas do trabalho. Se tu, finalmente, concedeste todo bem ao homem, diga-me: estás, afinal, satisfeito? Não queres sempre mais? Deus poderá encontrar também o propósito de vossos desejos? O verdadeiro prêmio da virtude é a tranquilidade interior das almas; os demais bens a destroem ou a corrompem. A erudição, a fama e a riqueza: nada disso tem o verdadeiro bem em si. Portanto, só a virtude constitui a felicidade verdadeira, encontrando algo que lhe satisfaça tanto na abundância quanto na carência, tanto no pranto quanto na alegria. Uma vez que a virtude não possui nenhuma carência, então, nada se deve desejar.

O amor próprio, que se vincula a Deus e ao amor ao próximo, constitui a felicidade do homem. Quanto maior o amor, quanto mais ele se estende, maior é a felicidade. Deus começa a partir do amor pela totalidade e o estende até as partes, mas o amor das pessoas começa a partir de si mesmo e espalha-se gradativamente sobre a totalidade. A Terra sorri para tal pessoa a partir de todas as partes e a Divindade vê Sua própria imagem em sua alma.

Phase α 1. [AA 17: 229]
Nr. 3703-3705 über Optimismus
3703. α 1. L Bl. E 69. S. I. R II 235 f.

du fragst: ist wer ist glücklicher in der Welt, der Tugendhafte oder Lasterhafte? wenn man es untersucht, so wird bey den Vortheilen des Tugendhaften Boshaften allemal etwas untermengt seyn, was der Lasterhafte Tugendhafte nicht begehrt und um deswillen er seinen Zustand mit dem andern seinem nicht vertauschen möchte; also ist er in der That zufriedener mit sich, als man denckt. Die Übel, die den Tugendhaften betreffen, betreffen eigentlich nicht die Tugend, sondern sind allen gemein. Wenn die allgemeinen Gesetze nur solten auf die Beziehung der frommen und gottlosen eingeschränkt seyn, so sagt: welches sind denn die Frommen. Werden nicht einer diesen vor strafwürdig, der andere aber einen andern davor halten, und würde denn Gottes Gerechtigkeit von allen erkannt seyn. [17: 230] Brod ist nicht der Tugend, sondern des Fleißes Lohn. Wenn du endlich dem Menschen alles Gute gibst (sage: bist du den zufrieden, begehrt du) nicht immer mehr, und wird Gott wohl ein Ziel deiner Wünsche finden können. Der wahre Preis der Tugend ist die innere Stille der Seelen, die übrigen güter stürzen oder verderben sie. Die Gelehrsamkeit, Nachruhm, Reichthum: alle haben nicht das wahre Gut bey sich. Also macht die Tugend nur das wahre Glück, welche so wohl in dem überfluß als in dem Mangel, in dem Weinen sowohl als in der Frohlichkeit etwas findet, was sie befriedigt. Da die Tugend also keinen Mangel findet, so gilt wünschen nichts. Die Eigenliebe, die sich mit Gottes und des Nächsten Liebe verbindet, macht der Menschen glük aus. Je größer die Liebe, je weiter ausgestreckt: desto größer ist das Glück. Gott fängt von der Liebe bey dem gantzen an und erstreckt sie bis zu den Theilen, die Menschenliebe aber fängt von sich selber an und verbreitet sich nach und nach über das Gantze. Einen solchen lacht die Erde von allen Seiten an, und die Gottheit sieht selber ihr Bild in seiner Seelen.

3704

Sinopse do Otimismo

O Otimismo é aquela doutrina que justifica o mal do mundo a partir da pressuposição de um Ser originário infinitamente perfeito, benevolente e onipotente, [17: 231] considerando que o que é escolhido por este Ser infinitamente perfeito, apesar de todas as aparentes contradições, não obstante, deve ser o melhor entre tudo o que é possível e atribuindo a presença do mal não à eleição do agrado [*Wohlgefallens*] divino, mas à inevitável necessidade dos defeitos essenciais das coisas finitas, que foram trazidos por meio destas coisas ao plano da criação, sem a culpa de Deus, através de um decreto de aprovação [*Rathschluß der Zulaßung*]; não obstante, através da sabedoria e bondade de Deus, estes defeitos são revertidos para o melhor da totalidade, porque a insatisfação que a visão deles em particular pode provocar é contrabalanceada completamente na totalidade através da substituição [*Ersetzung*] que a bondade divina é capaz de promover; então, uma vez que este mundo é o melhor de todos os mundos que foram possíveis através do poder de Deus e uma vez que aquele mundo que poderia ser melhor em partes não deveria, através de [...]. Quando se examina, rigorosamente, o esboço que Leibniz proporciona de seus princípios, constata-se que esta ideia expressa seu parecer tão precisamente quanto possível. É preciso considerar a classificação dos males em relação ao que é necessário ou metafísico e em relação ao que é contingente, ou seja, fisicamente e moralmente hipotético. Devemos considerar a distinção entre a vontade precedente e a consequente, em que a primeira busca a exclusão de todos os males enquanto a segunda os inclui em seu plano como uma consequência inevitável da natureza eterna das coisas; dessa maneira, é possível que sejas convencido da veracidade de nossa hipótese. Leib-[17: 232]niz representa a difundida bondade de Deus, sem limites, como o fluxo de uma correnteza que, com a mesma força, impele tudo ao movimento que é encontrado em seu interior; todavia, os barcos mais pesados, que possuem mais inércia natural do que os de menor dimensão, continuam mais devagar.

p. II:

Ele representa Deus como alguém pronto para se revelar com a completa infinitude de todas as suas propriedades nas obras da criação, mas possuindo um verdadeiro desagrado [*Misfallen*] diante dos males, cuja visão tanto inquieta o ânimo dos espíritos dotados de boa disposição. Todavia, a partir de outras indiscutíveis razões suficientemente conhecidas, como o bem, a sabedoria e a força desse Senhor, ele concede a tais espíritos a esperança de que estes defeitos serão compensados vantajosamente nessa

situação e que mesmo que os males possam também, no final das contas, prejudicar o melhor dos planos, eles, no entanto, não poderiam ter sido evitados na totalidade sem provocar uma irregularidade ainda maior. Com certeza, seres que agem livremente poderiam evitar algumas más ações para a maior satisfação de Deus, mas foi uma necessidade inevitável escolher o menor entre dois males dos quais o primeiro é a falta de liberdade e o outro o moralmente melhor. Havia também no melhor dos planos outros obstáculos que poderiam induzir Deus, por causa do receio de incongruências ainda maiores, a deixar de realizar certas causas motrizes [*Bewegungsursachen*] que poderiam evitar alguns tipos de males. Em suma: nenhuma outra coisa era possível, o mal tinha que existir. Graças sejam dadas à Sabedoria Eterna que admitiu o menor dos males e realizou tudo na totalidade de modo mais glorioso para o Seu louvor. É verdade, parece-me, que nós ainda não vimos para onde realmente tenderá a substituição que deve eximir a totalidade por causa de seus defeitos parciais. Mas, vós não estais seguros [17: 233] de que Deus é como deve ser, a fim de que possais esperar tudo que é melhor Dele? Neste caso, vós não poderíeis esperar nada mais do que uma satisfação plena subsequente ou pelo menos uma justificação plena da justiça e da bondade divina.

p. III:

Comparação da doutrina [*Lehrbegriffs*] de Pope com o Otimismo e preferência do primeiro

Leibniz admitiu que as irregularidades e os defeitos, que afligem as almas dotadas de boa disposição como se fossem males, seriam de fato imperfeições, mas reservou-se o direito de desculpar a Sabedoria Suprema, que ele reconhece a partir de outras razões, por essa aprovação. Assim, as propriedades de Deus foram estabelecidas seguramente para a satisfação daqueles que tem discernimento e obediência suficientes para conceder aplausos para as provas metafísicas da existência de Deus. O resto daqueles que gostariam de reconhecer o vestígio de Deus, junto à contemplação do mundo, continuam aflitos [*in Bekümmerniß*]. Pope escolheu um caminho que é o mais adequado dentre todos os possíveis para tornar acessível a todas as pessoas a mais bela prova da existência de Deus, caminho este – o qual justamente constitui a perfeição de seu sistema – que submete toda a possibilidade ao domínio de um Ser originário oni-suficiente, sobre o qual as coisas não podem ter outras propriedades, nem mesmo aquelas chamadas essencialmente necessárias, a não ser as que se harmonizam em conjunto para expressar completamente Sua perfeição. Ele investiga de modo detalhado a criação [17: 234], principalmente, onde parece faltar-lhe uma maior harmonia; ele ainda mostra que cada coisa que gostaríamos que

estivesse fora do plano da maior perfeição também deve ser considerada boa em si mesma e que não se pode ter, de antemão, um preconceito proveitoso da sabedoria divina a fim de lhe angariar aplausos. As determinações essenciais e necessárias das coisas – as leis universais que não são estabelecidas em relação mútua umas com as outras em um plano harmônico através de uma vinculação obrigatória – preparar-se-ão igualmente por si mesmas para a conservação de propósitos mais perfeitos. O amor próprio, que tem apenas a auto-satisfação como intento e que parece ser obviamente a causa da desordem moral que nós observamos, é a origem daquela bela harmonia que admiramos. Tudo que é útil por si está, ao mesmo tempo, dentro da necessidade de ser útil para os outros.

p. IV:

O vínculo universal, que interliga a totalidade de uma maneira inexplorada, faz com que as vantagens individuais se relacionem sempre com as vantagens das outras coisas, realizando este processo certamente através de uma sequencia natural. Portanto, uma lei universal da natureza estabelece aquele amor que sustenta a totalidade e, certamente, o faz através daquelas mesmas causas motrizes [*Bewegungsursachen*] que produzem de modo natural também aquele mal cuja origem nós gostaríamos de ver destruído. Quando se vê as qualidades essenciais em uma harmonia natural universal, pode-se muito bem presumir que o que se adapta à totalidade excelente, ao mesmo tempo, é a causa do mal [...].

Da perfeição universal da constituição do mundo em sentido físico e moral [17: 235]

A mais distinta regra da perfeição do mundo está no fato de que ele é completo no mais alto grau, sendo que tudo que é possível existe e que nada que é unicamente capaz de existir falta na corrente do ser ou ainda na diversidade de sua mudança, pois não há nenhum defeito maior no mundo, de um modo geral, do que o nada em qualquer uma de suas partes. Por isso, o campo da revelação da força divina compreende todas as espécies de coisas finitas e se estende até aos defeitos com um tipo de riqueza, não se esvanecendo de outra forma a não ser através de todas as etapas de diminuição a partir do mais alto grau da perfeição até o nada. Após esta pressuposição, ouvimos com desprezo as lamentações daqueles para os quais o paraíso, segundo opinam, não compartilhou nenhum destino agradável das perfeições. Eu gostaria, alguém diz, de ter menos obscuridade na compreensão e violência nas inclinações sensíveis, mas só se eu fosse tão afortunado a ponto de não ter outra inclinação a não ser a virtude. Se a

maioria tivesse em mente que, se eles desejassem para si tais propriedades que pressupõem uma mudança de sua natureza, significaria apenas que eles, como desejam, não existiriam de modo algum, estando disponível em seu lugar outro ser com as propriedades exigidas; portanto, estas pessoas deveriam refletir, pois o amor-próprio tem uma aversão diante [17: 236] da aniquilação, preferindo satisfazer-se com o estado que é concedido a si do que [...]

3704. α1. L Bl. D 32. S. I-IV. R I 295-299.

Abriß des Optimismus.

Der Optimismus ist diejenige Lehrverfassung, die aus der Voraussetzung eines höchst gütigen weisen und allmächtigen Urwesens die Anwesenheit [17: 231] übel der Welt mit dem Begriffe aus der Voraussetzung eines unendlich vollkommenen, gütigen und allmächtigen Urwesens zu vereinigen rechtfertigen, indem man sich überführt, daß von solchem nichts als dasjenige ohnerachtet allen scheinbaren Widersprüchen, was von diesem Unendlich vollkommenen Wesen gewehlet worden, dennoch das Beste unter allem möglichen seyn müße, und die Anwesenheit des Bösen nicht der Wahl des göttlichen Wohlgefallens, sondern der unvermeidlichen Nothwendigkeit der Wesentlichen Mängel endlicher Dinge zuschreibet, welche die, indem sie ohne deßen Schuld durch den Rathschluß der Zulaßung mit in den Plan der Schopfung gebracht worden, durch deßen weißheit und Güte dennoch so zum besten des Gantzen gekehrt werden, daß sie das Misfallen, das sie vor der Anblik derselben ins besondere erregen kan, durch die Ersetzung, die die göttliche Güte zu veranstalten Weis, im gantzen vollkommen vergütet wird, da also diese Welt unter allen, die durch die göttliche Macht möglich waren, die beste ist und dasjenige, was stükweise beßer seyn könnte, der ohne es nicht möcht durch die *bricht ab*. Herr von Leibnitz Man wird, wenn man den Entwurf, den Leibnitz von seinen Grundsätzen giebt, mit genau prüfet, finden, daß diese Idee seine Meinung so genau als möglich ausdrücke. Man darf diese eintheilung in die Nothwendigen oder metaphysischen und in die zufälligen oder Hypothetisch physischen und Hypothetisch moralischen übel erwegen. Man muß deßen Unterscheidung unter dem Vorhergehenden und nachfolgenden Willen, deren der erste alles ohne alles Bose auszuschließen trachtet, der Zweyte durch die sie in seinem Plane als unvermeidliche Folge der endlichkeit ewigen Natur der Dinge mit einschließt, erwegen, so wird man von der Richtigkeit Warhaftigkeit unserer Abschilderung überführt werden. Leib-[17: 232]nitz stellet die sich

ohne Maaßen verbreitende Güte Gottes als den Zug eines Strohms vor, der alles, was in seinem Inbegriffe befindlich ist, mit gleicher Kraft zur Bewegung treibet, allein die schwereren Lastschiffe, die mehr natürliche Trägheitskraft als die von weniger Maße besitzen, langsamer als diese fortführt.

S. II:

Er stellet Gott vor, wie er bereit ist, sich mit seiner der ganzen Unendlichkeit aller Eigenschaften in den Werken der Schöpfung zu offenbaren, allein und wie er ein wahres Misfallen an den Übeln hat, deren Anblick das Gemüth der Wohlgesinnten so sehr beunruhigen. allein er läßt sie von der aus andern unleugbaren Gründen genugsam erkannten Güte, Weisheit und Macht dieses Herrn hoffen, daß die Mängel im Zusammenhange mit Vortheilen werden ersetzt werden und daß, so sehr die Übel mögen endlich auch den Plan besten Plan verunziren, es sie doch nicht im gantzen ohne noch größere Abweichung nicht zu verhindern gewesen. Freylich hätten freyhandelnde Wesen manche böse Handlung zum großen Wohlgefallen Gottes vermeiden können; allein es war nicht in dem Bezug auf eine unvermeidliche Nothwendigkeit, unter zwey Übeln, deren eines der Mangel der Freyheit, das andere des moralisch Besten ist, das geringste zu wählen, und es waren auch in dem besten Plane andere (hinderniße, die Gott bewegen konten, die Veranstaltung gewißer Bewegungsursachen, die einige Arten übel verhindern konten, aus Besorgniß noch größerer Ungereimtheiten zu auszulaßen. Kurtz. Es war nicht anders möglich, es mußte Böses seyn. Dank sey der Ewigen weisheit, das er das mindeste zugelaßen und alles im gantzen zu seinem Preise aufs herrlichste hinausgeführt hat. Es ist wahr, mich dünkt, wir sehen noch nicht, wohin die Ersetzung eigentlich ausschlagen wird, die das gantze wegen seiner Theilmängel schadloß halten soll. allein getra seydt ihr nicht versichert, [17: 233] daß Gott (g so) sey, (g wie er) seyn muß, um von ihm alles gute erwarten zu können. In diesem Falle könnt ihr nichts anders als in der Folge eine völlige Befriedigung, zum wenigsten eine völlige Rechtfertigung der göttlichen Gerechtigkeit und Güte erwarten.

S. III:

Vergleichung des Lehrbegriffs des Pope mit dem Optimismus und vorzug des ersteren Leibnitz gestand, das die Abweichungen und Mängel (die als ware Übel die Wohlgesinnten in Bekümmerniss setzen, es in der That wären; allein er behilt sich vor, die höchste Weisheit von (g die er aus andern Gründen erkannte, wegen) der Zulaßung zu entschuldigen. Die best Also wurden die Eigenschaften Gottes zum Behuf derjenigen in sicherheit

gesetzt, die Einsicht und Folgsamkeit gnug haben, den Metaphysischen Beweisen von dem Gottlichen Daseyn Beyfall zu geben. Der übrige Theil derjenigen, die wegen bey dem Anblicke der Welt die Spuhr Gottes gerne erkennen möchten, bleibt in Bekümmerniß. Pope wählete einen weg, der, um den schönen Beweis von Gott zu allen menschen vernehmlich zu machen, der allgeschickteste ist unter allen möglichen ist und der, welches eben die vollkommenheit seines Systems ausmacht, (g so gar) alle möglichkeit der Herrschaft eines allgnugsamen Urwesens unterwirft, unter welchem die Dinge keine andern Eigenschaften, auch so gar nicht solche, die man wesentlich notwendige nennt, haben können, die nicht vollkommen zu ausdrückung seiner Vollkommenheit zusammen stimmen. Er geht die Schopfung [17: 234] stückweise vornehmlich da durch, wo es ihr am meisten an übereinstimmung zu fehlen scheint; doch er zeigt, daß jedes Ding, welches wir gern aus dem Plane der größten Vollkommenheit wegwünschen möchten, auch vor sich erwogen gut sey und daß man nicht (g vorher) ein vortheilhaftes Vorurtheil von der Weisheit des anordnenden Wesens haben dürfe, um sie als ihm den Beyfall zu erwerben. Die Wesentliche und nothwendige Bestimmungen der Dinge, die allgemeine Gesetze, die durch keine ihnen abgenothigte fremde (g erzwungene) Vereinung in einen harmonirenden Plan gegen einander in Beziehung gesetzt sind, werden sich gleichsam von selber zu erhaltung vollkommner Zwecke anschicken. Die Eigenliebe, die nur daß eigene Vergnügen zur Absicht hat und die augenscheinlich die Ursache der moralischen Unordnung zu sein scheint, die wir beobachten, ist der Ursprung derjenigen schönen Eigenschaft übereinstimmung, die wir bewundern. Reichtum kan sich selbst Alles, was sich selbst nützt, findet sich in der nothwendigkeit, zugleich andern nützlich zu seyn. Die allgemeine Bande, die das Gantze auf eine unerforschte

S. IV:

Art zusammenverknüpfen, machen, daß die einzelne Vortheile sich immer auf den Vortheil der andern Dinge und zwar durch eine natürliche Folge beziehen. Also setzt ein allgemeines Naturgesetz diejenige Liebe fest durch die Triebe, die das Gantze Erhält, fest, und zwar durch solche Bewegungsursachen, die natürlicher Weise auch dasjenige übel hervorbringen, deßen Qvellen wir gerne vernichtet sehen möchten. Kan man wohl, wenn man die Wesentliche Beschaffenheiten in einer so allgemeinen natürlichen Harmonie sieht, vermuthen, daß, was sich so zum trefflichen Gantzen anschickt, zugleich die Ursache so böser *bricht ab*.

Von der allgemeinen Vollkommenheit der Weltverfaßung im physischen und moralischen Verstande. [17: 235]

Die vornehmste Regel der Vollkommenheit der Welt ist, daß sie so im höchsten Grade vollständig sey, das alles dasey, was möglich ist und daß weder in der Kette der Wesen noch in der Manigfaltigkeit ihrer Abänderung etwas fehle, welches nur des Daseyns fähig ist; denn es ist vor die Welt überhaupt kein größer Gebrechen, als das Nichts in irgend einem ihrer Theile. Daher begreift das Offenbarung Feld der Offenbarung der Gottlichen Macht alle Gattungen endlicher Dinge und durch mit einer Art des Reichthums erstreckt sich es bis auf die Mängel und verlieret sich nicht anders als durch alle Stufen der Verminderung von den höchsten Graden der Vollkommenheit bis zum Nichts. Laßet uns nach dieser Voraussetzung die Klagen derjenigen mit Verachtung anhören, denen der Himmel ihrer Meinung nach kein gefälliges Loos der Vollkommenheiten zugetheilet hat. Ich möchte, spricht einer, gerne weniger über Finsterniß im Verstande und weniger Heftigkeit in den Sinnlichen Neigungen haben, wenn ich doch so glücklich wäre, keine Neigung zur Sünde zu haben andere Neigung als die vor die Tugend zu haben. Wenn die meisten bedächten, daß, wenn sie sich solche Eigenschaften wünschen, die eine Veränderung ihrer Natur voraussetzen, es eben so viel heißt, als begehren, daß sie gar nicht wären und daß an ihrer Stelle ein ander Wesen von der verlangten Beschaffenheit vorhanden seyn möchte, so würde man in sich gehen, denn die Selbstliebe hat einen Abscheu vor [17: 236] der Vernichtung und ist lieber mit dem Zustande, wie er ihr beschieden seyn mag, zufrieden als daß sie *bricht ab mit der Seite*

3705.

Defeitos do otimismo [17: 236]

Leibniz estava certo ao chamar sua doutrina de uma teodicéia ou defesa da boa causa de Deus. Pois, de fato, ela não é outra coisa senão uma justificação de Deus, diante da exigência incabível de que Ele talvez possa ser o autor do mal, através da garantia de que, tanto quanto é possível para Ele, tudo é bom, não sendo Sua culpa ao menos se nem tudo se realiza tão perfeitamente como deveria de acordo com o desejo do justo. Os erros dessa doutrina são muito sérios para que continuemos a aceitá-los. Leibniz apresenta as regras que tem a perfeição enquanto finalidade como conflitantes umas com as outras em seu exercício. Ele considera as exceções como defeitos necessários, visualizando a digníssima ação da

sabedoria suprema a partir do fato de que ela faz a escolha do lado do melhor tal como um marinheiro põe em sacrifício uma parte de sua carga para salvar o navio e o resto. É verdade que a sabedoria e o bem de Deus triunfam aqui sobre todas as contestações. Porém, o que se deve dizer da infinitude e da independência? Quais causas, pois, podem levar aquelas determinações essenciais das coisas a discordarem entre si? O que torna as perfeições, cada uma das quais deveria aumentar o prazer de Deus, incompatíveis em uma relação? O que está à frente do insondável conflito entre a vontade universal de Deus, que visa somente o bem, e a necessidade metafísica que não quer se adaptar a este fim com toda harmonia [17: 237] e sem exceções? Se os males – dos quais eu não conheço o tipo de fatalidade necessária – constroem Deus em Sua aprovação, sem ter provocado Nele o prazer, então tais males impõem certo tipo de desagrado a este Sumo Ser bem aventurado, que, embora possa ser atenuado em alguma medida pela justificativa de Sua inocência, não pode ser, todavia, suprimido. Se tudo foi bom na totalidade ou ainda é bom nas partes, então, a visão de todos os lados é infalivelmente a fonte do verdadeiro prazer. Por que deve ser, pois, tão proficiente que tudo nas partes

p. II:

seja desagradável com o propósito de provocar o prazer apenas na totalidade? Se Deus abomina os vícios e os tormentos – se Ele não os deseja, mas apenas os permite – por que então foi necessário que eles existissem, assumindo também que não podem ser excluídos para não abrir espaço para defeitos ainda maiores? É verdade que este pretexto serve para manter Deus livre da culpa, mas nunca resolverá a importante questão do porquê da necessidade essencial ter algo que contradiz a vontade universal de Deus, constroendo-a à aprovação dos males sem ter adquirido satisfação. O erro todo se baseia no fato de que Leibniz estabelece, por um lado, o plano do melhor mundo a partir de um tipo de independência e, por outro, a partir da dependência da vontade de Deus. Toda possibilidade está espalhada diante de Deus. Deus as observa, considera-as e as examina; por um lado, Ele é guiado através das determinações inerentes a essas possibilidades segundo o critério de suas perfeições particulares e, por outro lado, de acordo com aquilo que as coloca em uma combinação; essa comparação provoca a decisão de Deus. A essência do mundo não é assim simplesmente porque Deus a quer desse modo, mas porque não foi possível constituí-la de outra maneira, apenas [...]. [17: 238]

p. III:

O segundo erro capital do Otimismo encontra-se no fato de que os males e irregularidades que são percebidos no mundo são desculpados apenas a partir da pressuposição da existência de Deus, levando-nos, portanto, de antemão, a acreditar na existência de um Ser infinitamente benevolente e infinitamente perfeito, antes que possamos assegurar que o mundo, que se supõe como Seu trabalho, é belo e regular, em vez de nos levar a acreditar que a concordância universal da ordem do mundo, caso ela possa ser reconhecida por si e em si mesma, oferece a mais bela prova da existência de Deus e de que todas as coisas dependem universalmente Dele. A mais segura e simples prova, portanto, da realidade de um Ser oni-suficiente, infinitamente benevolente e infinitamente sábio, que é reconhecida a partir da consideração dos arranjos excelentes que o mundo exhibe em toda parte, é minada pela doutrina do Sr. Leibniz. Parece-me que um Epicuro responderia a alguém que elaborou em cima dessa prova da seguinte maneira: se a concordância que vós percebeis no mundo parece provar-lhes uma Sabedoria organizada como a criadora, então, deveis confessar que a maior parte do mundo não depende dessa Sabedoria, porque ele traz consigo em toda parte, em mais da metade de seus acontecimentos, incoerências e irregularidades desagradáveis. Eu não aceito vosso subterfúgio que levanta suspeita sobre aquela Sabedoria que organizou, por exemplo, algumas partes para propósitos [17: 239] sábios, escondendo, igualmente no restante, as evidências de Sua supervisão. Eu prefiro, portanto, concluir que se a sábia Causa suprema não foi capaz de trazer todas as coisas para dentro de um plano de beleza harmônica, então, isso significa que nem todas as coisas em suas propriedades foram submetidas, ao menos, ao prazer desta Causa e que o destino eterno, que tanto limita a força dessa poderosa Causa e a constrange ao consentimento de males brutos, por isso, rouba-lhe a oni-suficiência,

p. IV

submetendo-a à necessidade desses mesmos males.

3705.

α1. L Bl. D 33. S. I-IV. R I 299-302. S. I:

Mängel des Optimismus. [17: 236]

Leibnitz hatte Recht, daß er sein Lehrgebäude eine Theodice oder Vertheidigung der guten Sache Gottes nannte. Denn in der That ist es nichts anderes als eine Rechtfertigung Gottes in der Zumuthung, das er vielleicht

der Urheber des Bösen seyn möge, durch die Versicherung, daß soviel an ihm ist, alles gut ist und daß es wenigstens seyne Schuld nicht sey, wenn alles nicht jedes Ding vollkommen so ausfällt, als es nach dem Wunsche der redlichen ausfallen sollte. Die Fehler dieses Lehrbegriffs sind gar zu wichtig, als das man bey demselben sollte stehen bleiben können. Leibnitz stellet stellet die Regeln der (g zum Zwecke habenden) Vollkommenheit vor, wie sie einander in der Ausübung streiten. Er sieht die Ausnahmen als nothwendige Mängel an und erblickt die der höchsten Weisheit anständige Handlung darin, daß sie die Wahl auf die Seite des Besten trifft. so wie ein Seefahrer einen Theil seiner Waren in die Schantze Schlagt, um das Schiff und das übrige zu retten. Es ist war, die Weisheit und Güte Gottes siegt hier über alle Vorwürfe. Allein was will man von der Unendlichkeit (g und) der Unabhängigkeit sagen. Von welchen Ursachen mögen doch die wesentliche Bestimmungen der Dinge diejenige Zwietracht haben, die die vollkomenheit, deren jede insonderheit das Wohlgefallen Gottes vermehren würde, in einer Verbindung unverträglich macht. Was ist es vor ein seltsamer unerforschlicher Streit zwischen dem allgemeinen Willen Gottes, der lediglich auf das Gute abzielt, und der (g metaphysischen) nothwendigkeit der metaphysischen Eigenschaften, die sich nicht dazu mit aller übereinstimmung [17: 237] (g ohne Ausnahmen) anschicken will. Wenn die Übel durch, ich weis nicht, auf was vor Art nothwendige Fatalitaet Gott ihre Zulaßung ab-nothigen, ohne in ihm wegen ihr das Wohlgefallen erregt zu haben, so versetzen sie dieses höchst seelige wesen in eine gewisse Art eines Misfallens, das zwar durch die Rechtfertigung der Unschuld von seiner Seite kan einiger maaßen gemildert, aber nicht gedämpft werden. Wenn alles im ganzen Gut war oder noch in den Theilen Gut ist, so ist ohnfehlbar der anblick von allen Seiten die Qvelle eines wahren Vergnügens. Warum muß es denn so bewandt seyn, daß alles in den Theilen

S. II:

unangenehm sey, um nur im Gantzen das Wohlgefallen zu erwecken. Wenn Gott die Laster und die Qvaalen verabscheut, warum wenn er sie nicht begehrt, sondern nur zuläßt: warum war es denn nothwendig, daß sie vorhanden seyn müßen, da sie den gesetzt auch, daß sie nicht ausgeschlossen werden können, um nicht noch größeren Mängeln platz zu machen; diese Entschuldigung dient zwar, Gott von der Schuld frey zu sprechen, aber sie wird niemals den wichtigen Zweifel auflösen, warum die nothwendige Eigensch wesentliche nothwendigkeit etwas hat, welches Gott wieder sein dem allgemeinen Willen Gottes wiederstreite und ihm die Zulaßung abnöthige, ohne deßen Wolgefallen erworben zu haben. Der

ganzte Fehler beruht darin, Leibnitz versetzt den Plan der besten Welt einestheils in eine art einer Unabhängigkeit, andern theils in einer Abhängigkeit von dem Willen Gottes. Alle Möglichkeit ist vor Gott ausgebreitet Gott sieht, überlegt, prüfet sie; er wird durch die ihnen beywohnende Bestimmungen nach Maasgebung ihrer (g besondern) Vollkommenheiten auf eine Seite gelenkt und nach demjenigen, was sie in Verbindung ausmachen, auf die andere Seite; diese Vergleichung veranlaßt seinen Rathschluß. Die Welt ist eigentlich nicht so, weil sie Gott so haben will, sondern weil es sich nicht thun läßt, sie anders zu machen. Die Unabhängigkeit der ewigen naturen geht voran. Die Abhängigkei [17: 238] besteht nur in dem Plan, darin sie gott nach den Regeln des Besten so gut zu ordnen trachtet, als ihre wesentlichen Bestimmungen es verstatten. Der Welt wesen gut ist nicht bloß darum gut weil lediglich darum so, weil sie Gott so haben will und, sondern weil sie nicht anders möglich war, *nur ei übrig*.

S. III:

Der zweyte Hauptfehler des Lehrb Optimismus ist, daß die übel und Ungereimtheiten, die in der Welt wahrgenommen werden, nur aus der Voraussetzung des Daseyns Gottes entschuldigt werden. und daß man also (g vorher) glauben muß, daß es ein unendlich gütiges und unendlich vollkommenes Wesen Gebe, ehe man sich versichern kan, daß die Welt, die als sein Werk angenommen wird, schön und regelmäßig sey, anstatt daß die allgemeine übereinstimmung und der Anordnungen der Welt, wenn sie an und vor sich selber erkant werden können, den Schönsten Beweis von em Daseyn Gottes und der Allgemeinen Abhängigkeit aller Dinge von demselben darreichen. Der sicherste und leichtste Beweis also von der Wirklichkeit eines allgenugsamen, unendlich en Wesens gütigen und unendlich Weisen wesens, welches aus der Betrachtung der vortrefflichen Anstalten, die die Welt allenthalben zeigt, erkant wird, wird durch das Lehrgebäude des Herrn v. Leibnitz entkraftet. Mich dünkt, ein Epikur würde demjenigen, der auf diesen Beweis bauete, antworten: Wenn die Übereinstimmung, die ihr in der Welt wahrnehmt, euch eine anordnende Weisheit zu als die urheberin zu beweisen scheinete, so müst ihr gestehen, daß derjenige Theil die Welt dem grosten Theile nach von dieser nicht abhängt, weil sie allenthalben mehr als der Hälfte nach Ungereimtheiten und wiederwärtige Abweichungen in sich enthält. Ich nehme eure Ausflucht nicht an, daß von derjenigen Weisheit, die etwa einige Theile mit zu klugen [17: 239] Zwecken geordnet hat, zu vermuthen stehet, daß sie in den übrigen eben fals Beweisthümer ihrer Aufsicht verstekt habe. Ich will lieber also schließen: wenn ihr die Weise obere Ursache nicht vermocht hat,

alle Dinge in einen Plan von zusammenstimender Schönheit zu bringen, so waren wenigstens nicht alle Dinge ihren Eigenschaften nach dem Wohlgefallen derselben unterworfen, und daß das ewige schiksaal, welches die Absicht Macht dieser Gottheit der vermogenden Ursache nur Platz zu einzu so sehr eingeschränkt und die Einwilligung grober übel ihr abgenothigt, raubet ihr dadurch die allgenugsamkeit

S. IV:

und indem sie sie mit den übrigen wiegt, unter unterwirft sie eben derselben nothwendigkeit.

Recebido em 10/12/2014; aprovado em 06/03/2015.